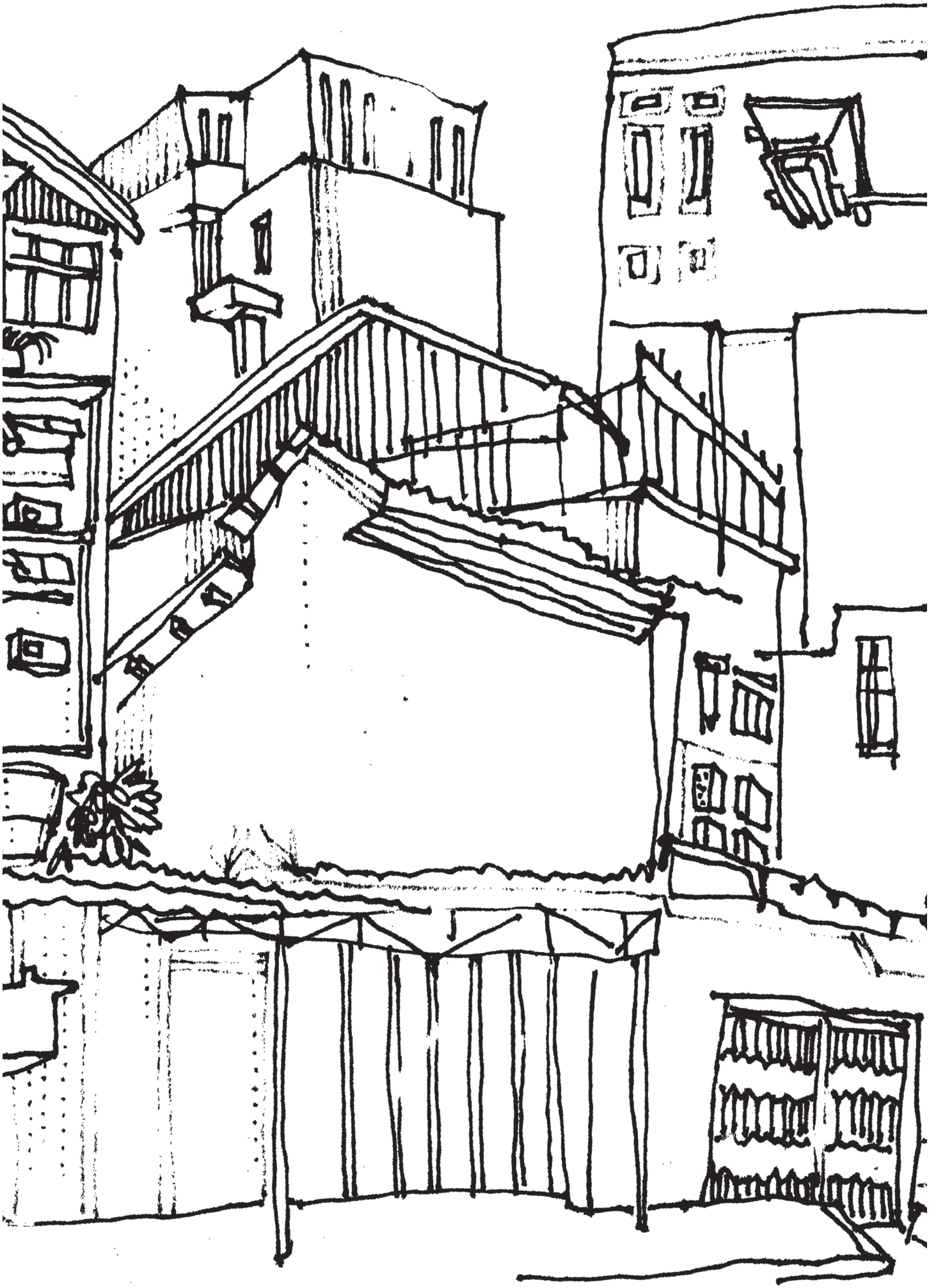

Lucia Leite

A moça na laje

e outras histórias

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

A costureira

No silêncio da noite, sentou-se à máquina de costura.

Olhou, sem muito ânimo, a pilha de peças por terminar, se quisesse fazer a entrega amanhã, no máximo, ao fim da tarde, antes do mercado fechar. Com o dinheiro compraria os mantimentos básicos que já começavam a faltar: feijão, arroz, açúcar, café, talvez ovos e salsicha. Carne, não. O dinheiro era pouco. Leite, não precisava. Ainda tinha um resto de leite em pó doado pela Legião da Boa Vontade. Ele tinha cheiro forte e custava um pouco a dissolver, mas nos últimos meses complementava a alimentação daquelas quatro crianças.

Olhou-as dormindo e se emocionou. Deitadas na cama de casal, enroscadas, dormindo o sono dos inocentes, estavam ali para lembrá-la da responsabilidade. Não era mulher de muitos chamegos, mas amava os filhos. Daria conta de criá-los, sem se afastar deles e lutaria com todas as forças para garantir-lhes um futuro diferente do seu.

Correu os olhos pelo ambiente imerso na penumbra. O cômodo grande pela falta de móveis, a pequena cozinha com o fogão a querosene, culpado por piorar o sabor da comida, o banheiro. A luz discreta da máquina de costura projetava sombras na parede, emprestava um ar fantasmagórico e desolador

ao ambiente, mas garantia a sua tranquilidade para trabalhar enquanto os meninos dormiam. O ruído monótono revolvia as lembranças de uma época em que nem imaginava o rumo que a sua vida iria tomar.

Sentiu tristeza, desamparo, solidão. Lágrimas teimosas insistiam em brotar dos seus olhos, caindo sobre o pano que corria entre os dedos ágeis.

Não. Num rompante, enxugou com raiva os olhos. Preferia a raiva à tristeza que enfraquece a vontade e desanima o espírito. Melhor a raiva. Esta, sim, faria ela enfrentar aquela situação e dar a volta por cima.

Então, sepultou a fragilidade da mulher abandonada e se fez forte. Fechou a porta do coração, aboliu o sorriso do rosto. Endureceu.

E cantou.

Cantou canções tristes de abandono. Cantou lindas canções patriotas e hinos em louvor ao Brasil. Cantou nas serestas de violeiros sentados à porta de casa na vila onde morava. Cantou com lágrimas nos olhos e voz embargada, emocionada com a música, ou desesperançada da vida. Cantou e costurou. Cantou e varreu e limpou e passou.

Passou. O tempo passou.

Envolvida em amargura e rigidez, distraída com o trabalho, não viu que passou.

Os filhos cresceram. Estudaram. Começaram a trabalhar, a sair, a namorar.

Casaram, ou não. Saíram de casa. Viajaram.

Vivos, saudáveis, inteligentes, capazes, honestos, generosos, às vezes felizes, às vezes, não, mas vivendo suas vidas, as vidas que ela garantiu; com seus ensinamentos exemplares;

com as lembranças das brincadeiras feitas na penumbra, sob a luz de velas, durante o racionamento de energia, ou sob a fraca iluminação da máquina de costura, enquanto não chegava o sono. Em suas memórias, as histórias contadas por ela, lições de casa ensinadas, enquanto ela pôde ensiná-las; as canções de amor e de abandono, de louvor ao Brasil; as serestas de violeiros sentados à porta de casa da vila; as dificuldades passadas, sobreviventes de um tempo quando não sabiam se seriam.

Sentada na cadeira de balanço, os olhos perdidos no passado, os cabelos pintados de branco pela passagem dos anos, ela, acostumada demais à tristeza, diz não ter motivos para ser feliz.

A moça na laje

Keity, a moça na laje, óculos escuros, fone no ouvido, tendo ao colo um notebook, estende numa poltrona seu corpo bronzeado por natureza, aos primeiros raios de um ainda tímido sol de primavera.

Ouvirá ela um funk, um rap, um samba de raiz? Talvez. Talvez assista às piadas nem sempre engraçadas e em geral, politicamente incorretas de um desses novos artistas de *stand-up comedy*; ou às últimas fofocas sobre a vida das celebridades criadas pelas novelas e programas das redes de televisão.

O som alto, direto no ouvido encobre o barulho dos fogos de artifício que avisam da chegada da droga na comunidade, ou o pipocar dos tiros resultantes do confronto armado entre facções rivais, ou entre elas e a repressão policial.

Nada disso preocupa a moça, nascida e criada naquele lugar. Ela, que ganhou notoriedade por ter sido escolhida para ser a mais nova esposa do dono do morro, está acostumada àquela realidade.

Agora, transformada numa nova mulher, veste roupas de marca, alongou os cabelos com aplicação de fios sintéticos e frequenta os melhores *coiffeurs* que realçam a sua beleza afro natural.

Na laje, o corpo exposto no espaço aberto é alvo fácil.

Isabel, a moça na laje, óculos de grau, sentada sob o sol, frente a um notebook, prepara a aula de história de hoje para as turmas da 6ª série da escola da comunidade. Pensa em como fazer aqueles meninos e meninas se interessarem pela história do país, como ampliar a visão de coisas mais importantes que a roupa e o tênis de marca, o baile funk do fim de semana, namorar e formar família ali mesmo, quanto mais cedo melhor, ou entrar para as fileiras do crime organizado para serem ricos, poderosos, respeitados. Estudar, frequentar uma universidade, viajar para fora, conhecer outros lugares estão "muito além dos muros" no pensamento da garotada, acostumada à falta de oportunidades, habituada a vencer um dia de cada vez, contentando-se apenas em sobreviver.

A moça na laje divaga. Pensa em como conseguiu vencer essas dificuldades e optar por continuar ali e trabalhar no desenvolvimento dos seus iguais, lutar contra o preconceito e o racismo instituído, disfarçado, alcançar o ensino superior por mérito, mas também, devido às portas abertas por estudantes universitários voluntários que dão cursinho na comunidade; pelo sistema de cotas para afrodescendentes; pelo incentivo dos pais e professores. Portas abertas. Oportunidades.

Agora, formada, ativista do movimento negro, militante das causas sociais, sabe que precisa contribuir para abrir as portas para outros meninos e meninas saírem da linha da pobreza material, cultural, espiritual.

Absorta no seu trabalho e nesse turbilhão de pensamentos, não ouve o barulho dos fogos de artifício que avisam da chegada da droga na comunidade, ou o pipocar dos tiros resul-

tantes do confronto armado entre facções rivais, ou entre elas e a repressão policial.

Na laje, o corpo exposto no espaço aberto é alvo fácil.

Doralice, a moça na laje, sob o sol já alto, enxuga o suor do rosto, suspira e reclina a cabeça no espaldar da cadeira, olhando o horizonte além da roupa acabada de estender no varal.

Daqui a pouco vai lavar e passar outras pilhas de roupas na casa de família onde trabalha. Desde novinha precisou trabalhar para trazer o sustento da família, expandida com a vinda dos filhos de pais que não ficaram. Aprendeu a ler e escrever, fazer mal as quatro operações, insuficiente para passar no concurso para auxiliar de serviços gerais da escola da comunidade. Na verdade, tempos atrás, tinha sonhado em ser professora, mas... não deu.

A moça na laje olha desanimada para a obra inacabada da casa. Queria muito construir o quarto dos meninos em cima, ali onde estava, colocar telhado, cobrir a caixa d'água, pintar a casa. Que nada! — pensa ela. Além do dinheiro curto, anda desgostosa de morar no lugar, onde a violência aumenta dia após dia e o uso e o tráfico de drogas são armadilhas para os seus e as outras crianças e adolescentes, encantados com o poder, o prestígio e o acesso aos bens de consumo que a atividade proporciona, embora por pouco tempo.

Ah! O tempo! O tempo é um dia depois do outro, sempre igual: acordar, trabalhar, comer o que der e depois dormir sem sonhar, pois não há porque esperar um futuro igual ao presente, assim como, o presente é igual ao passado. Nada muda. O tempo passa.

Ouviu os sons dos fogos e tiros rotineiros que já não causam nenhum impacto na vida dos moradores locais.

E D I T O R A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

C O N T A T O
E-mail: luciafleite@gmail.com
Instagram: lucia_fleite e so.1.sugestao

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em julho de 2023.